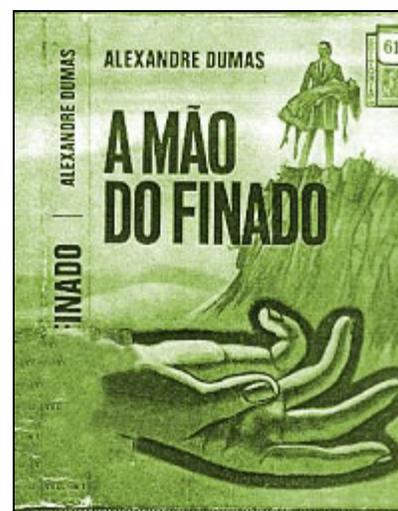


Rosângela Maria Oliveira Guimarães *

***A Mão do Finado* - um falso romance-folhetim: artifícios da mídia impressa**

Polêmicas com relação à autoria

Em levantamento das edições dos romances de Alexandre Dumas traduzidos e publicados no Brasil, encontrou-se *A Mão do Finado*, publicado pelo Clube do Livro, de São Paulo, na década de 50, e pela Brasiliense, em 1925. Trata-se de um falso romance-folhetim.¹ A edição do Clube do Livro traz uma nota explicativa², assinada pelo escritor Afonso Schmidt, à época membro do conselho editorial, e esclarece que o romance não foi escrito por Alexandre Dumas, mas que um editor português divulgou seu nome indevidamente, fazendo os leitores acreditarem que se tratava de uma continuação de *O Conde de Monte Cristo*, como estratégia publicitária.



A Mão do Finado foi publicado em 1854, em Lisboa. Schmidt esclarece que o verdadeiro autor do romance foi o português Alfredo Possolo Hogan (1830-1865)³. Consta que era funcionário dos Correios, apaixonado por literatura, cultivando especialmente o gosto pelo romance negro. Foi escritor popular em Lisboa durante o Romantismo e foi influenciado pelas narrativas folhetinescas de Alexandre Dumas e Eugène Sue.

Além de romances, segundo a nota, ele usava o tempo livre para escrever comédias e peças teatrais. Certa vez, achando-se sem dinheiro, vai à Editora do Sr. Luís Correia da Cunha, onde eram editados romances em fascículos de Paul Féval, Xavier de Montépin e uma série de *O Conde de Monte Cristo*, de Dumas. Tem início o seguinte diálogo entre ambos:

"Por que não o edita? - Isso é outra coisa. Já pensei nessa possibilidade, mas tive de convir que meus fregueses preferem "*O Conde de Monte Cristo*". Vende-se tudo, não há mais a medir! Vai reeditá-lo? - Vou, está claro. Mas estive a pensar numa continuação do *Conde de Monte Cristo*, produção particular aqui da casa... E quem poderá arcar com tamanha responsabilidade? - Você! - Eu? - Fez Hogan, sem poder acreditar no que ouvia. - Sim, você. Não é, por acaso, autor de romances do mesmo gênero, como "*Os dois Anjos*, ou *Um casamento forçado*". Se leu meus fascículos, não tem mais do que tomar os personagens e, com eles, compor o fim que falta ao romance de Alexandre Dumas. Publica-lo-ei nesta coleção e com a mesma assinatura do autor de *Os Três Mosqueteiros*. - Mas isso será uma contrafação! O autor prejudicado

chamá-lo-á à barra dos tribunais! - Não creia nisso. Alexandre Dumas, neste momento, está muito ocupado em provar que é ele próprio quem escreve os seus romances. Bacoreja-me até que ele vai apreciar devidamente este golpe de publicidade! - Está bem, aceito a incumbência, mas acontece que estou muito necessitado de três meias coroas"

(Dumas, 1958, p. 7).

A nota esclarece ainda que aqueles que "punham em dúvida a autoria de Alexandre Dumas em muito de seus romances foram os primeiros a aceitar *A Mão do Finado* como obra do autor do *Conde de Monte Cristo*. E desse modo o livro de Alfredo Possolo Hogan passou a ser definitivamente de Alexandre Dumas, figurando tal como em muitos catálogos da França e de outros países, incluindo Portugal e Brasil" (Dumas, 1958a, p. 20).

Os diálogos mencionados acima, entre editor e autor, revelam um recorte de práticas efetivas de uma "indústria editorial da tramóia"⁴ atuando no mercado de livros populares em Portugal, comum em outros países, inclusive no Brasil. Na França, no próprio contexto de disseminação do romance-folhetim, Marlyse Meyer (1996) lembra que o escritor Ponson du Terrail na construção da série *Rocambole* retoma, "cita", "parodia" Eugène Sue, famoso folhetinista da primeira fase do romance-folhetim ao lado de Alexandre Dumas. Percebe-se que essa dinâmica de apropriação de textos era freqüente no universo de massificação da literatura, no século XIX. Os termos do 'contrato' firmado entre Possolo e seu editor só confirmam essa prática.

Em se tratando da obra de Dumas, é como se *O Conde de Monte Cristo*, dez anos após ser publicado na França (1844), já fizesse parte de "um contínuo textual que foi sendo apropriado, em adaptações, abrigando também processos criadores. (...) Texto desdobrante e incontrolável, sempre aberto a novas criações ou apropriações" (PIRES FERREIRA, 2002, p. 143), cuja abertura foi aproveitada para a escritura de um outro romance popular, como *A Mão do Finado*.

Segundo Schmidt, no Brasil, a história foi traduzida da versão francesa, para o folhetim do *Diário do Rio de Janeiro*. Em nota, o jornal carioca dá as boas novas aos leitores, fazendo-os acreditar que o romance era de autoria de Dumas:

"M. Dumas, sempre fértil em pensamentos com uma alma que transluz o espírito, compreender a importância que tinha o seu romance, quando viu o acolhimento que lhe foi dado na Bélgica, na França, Portugal e em vários países da Europa e até do Brasil: julgou tão acertado continuar essa história, que muito tem de moral, e na qual o herói representa um papel extraordinário, que deu a lume um outro romance com o título de *A Mão de Finado*, que acabamos de receber e vamos publicar, certos de que nossos leitores lhe darão sabido apreço"

(Dumas, 1958b, p. 21).

A carta

Mas o *Jornal do Comércio*, em 31 de dezembro de 1854, publicou uma suposta carta de Dumas negando a autoria do romance, a qual Schmidt diz ter transcrito a

partir do livro *Romances que não foram escritos*, de Raimundo Menezes, editado pela Livraria Martins de São Paulo, em 1957:

"Sr. Redator. Soube que se publicou no Rio, isto é, uma das cidades da América do Sul, onde tenho a honra de ser mais conhecido, graças à benevolência que sempre me testemunharam os leitores que conto nessa bela e poética cidade, um romance que fazem passar por ser meu e é anunciado como a continuação do "Monte Cristo".

Nunca fiz e, ainda que freqüentes vezes solicitado nesse sentido, provavelmente nunca farei a continuação desse livro, que me parece dever acabar vagamente e num horizonte perdido, como num *conto das Mil e Uma Noites*, ou um poema de Byron.

Peço-lhe pois a fineza, sr. Redator, cujo jornal tão espalhado está no mundo literário e político, de desmentir em meu nome essa notícia que será talvez de pouca importância para os outros, mas de uma certa gravidade para mim. Digne-se aceitar, sr. Redator, os meus mais sinceros agradecimentos.

Paris, 20 de outubro de 1854 - Alexandre Dumas" (Dumas, 1958c, p. 21).

Um falso romance-folhetim?

Mas o que temos afinal? Um falso romance-folhetim, tendo em vista o problema da autoria? Sabe-se que essa polêmica não envolve apenas uma manobra publicitária, como o editor português colocava, conforme a nota de Schmidt, mas uma questão ilegal, em que há a apropriação do nome de um autor famoso para atrair mercado.

O que fica claro após a leitura do romance em questão é que as técnicas folhetinescas aparecem bem demarcadas no enredo. Esse fato comprova que Alfredo Possolo as dominava, levando-se em consideração que era autor de romances populares e leitor assíduo de literatura e, conseqüentemente, das obras de Dumas. Bastante conhecedor dessa estrutura folhetinesca, ao que parece, Possolo foi muito criativo no que se refere à idéia de produzir um final para *O Conde de Monte Cristo*, ao invés de se encarar a história como um mero desenvolvimento sobre o tema da vingança, constante no romance de Dumas.

Os elementos folhetinescos d'*A Mão do Finado*

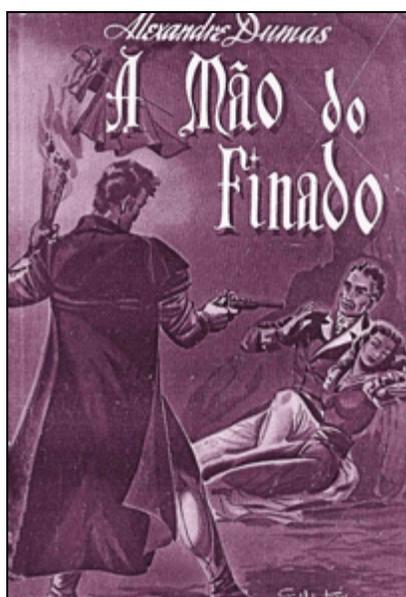
O degredado e bandido Benedetto é o personagem principal da história, que age movido pelo desejo de vingança contra Edmundo Dantés, conhecido como *O Conde de Monte Cristo* no romance-folhetim de Alexandre Dumas. Na trama ele foge de uma prisão francesa, após assassinar o carcereiro, quando fingia suborná-lo.

Ainda, na prisão, recebe uma carta do juiz Villefort que revela ser seu pai. Diz-lhe também que a baronesa Danglars é sua mãe, um grande segredo guardado até aquele momento. Além disso, pede-lhe que se vingue de Monte Cristo, segundo ele, homem que destruiu sua família. No romance de Dumas foi Villefort quem condenou injustamente Edmundo Dantes à prisão na fortaleza de If, para proteger seu pai, um seguidor do regime de Napoleão Bonaparte.

Aliás, nas tramas folhetinescas de um modo geral, as cartas não só têm a função de troca de informações, mas de prolongamento de enredo e disseminação do

suspense narrativo, em virtude dos conteúdos misteriosos que veiculam, sendo este último aspecto o mecanismo que desencadeia a trama de *A Mão do Finado*. Marlyse Meyer (Folhetim, 1996) lembra que nos volumes de *Rocamboles* esse meio de comunicação é responsável por uma das muitas características folhetinescas, o "exagero amplificador".

Retomando o enredo, tudo começou quando Danglars, um subordinado de Edmundo no navio da família Morel, por ambicionar o cargo de capitão, incitou Fernando, enamorado por Mercedes, o grande amor de Dantés, a denunciá-lo como seguidor de Napoleão Bonaparte. Pois sabia que a embarcação da família Morel apresentou problemas, durante uma das viagens, e atracou na ilha de Elba, ocasião em que Bonaparte enviou uma carta, pelo jovem comandante, ao pai de Villefort, em Paris. E caso a ligação do pai de Villefort com Napoleão viesse a público seria um escândalo para o regime que o juiz representava.



O enredo de Alfredo Possolo logo chama a atenção quanto às características folhetinescas. O tema da criança abandonada pelos pais, que se torna bandido em decorrência desse fato; a descoberta da paternidade e o pedido de vingança do pai, já falecido; a carta que revela antigo segredo de família; a natureza bandida e assassina do personagem principal, a fuga da prisão, entre outras. O ritmo folhetinesco torna-se intenso, e com tema macabro, bem ao estilo da primeira fase da escola romântica francesa. Benedetto vai ao cemitério onde está sepultado o juiz. Ali viola vários túmulos e rouba as jóias que ornaram os cadáveres. Na sepultura do pai arranca a mão do cadáver e passa a usá-la como talismã.

Foge para Roma e inicia a perseguição a Monte Cristo. Inventa muitas calúnias, entre as quais, que o conde violou o jazigo da família Villefort, arrancou a mão do cadáver do juiz e a usa como talismã, na tentativa de aterrorizar a população, com narrativa tão assustadora.

Em conversa com Pastrini, o dono da pensão onde se hospedou, narra sua própria trajetória de bandido, atribuindo-a a Monte Cristo, na tentativa de dar veracidade ao boato, aliás, um aspecto presente em toda a trama:

"Esse homem que se julga superior aos demais tem abusado de tudo e de todos e está perseguido pela justiça. Ultimamente, tomou em Paris o nome de Benedetto, intitulou-se depois príncipe André de Cavalcanti, e evadiu-se do cárcere, assassinando o carcereiro, dirigiu-se depois ao cemitério de Père Lachaise, onde profanou um túmulo e roubou as jóias dos cadáveres. E tomando outra figura foge da França, dirigindo-se, segundo parece, para a Itália onde tudo indica tem relações secretas abomináveis" (Dumas, 1958d, p. 56).

Em um trecho do romance, Benedetto assume a identidade de Monte Cristo para roubar a própria mãe. Num bilhete diz que sabe de seu segredo e marca um

encontro. No local combinado, ele a rouba, além de ameaçá-la de morte, sem demonstrar remorsos.

Em seguida, alia-se aos bandidos Vampa e Pepino para destruírem Monte Cristo. Conta-lhes mais uma história fantasiosa: que a mão de finado foi o talismã usado pelo conde para conseguir os ricos tesouros. Planejam juntos o seqüestro de Eugenia d'Armilly, a filha de Danglars, para pedir um valioso resgate. Mas Vampa se apaixona pela vítima, e fogem de Roma. Com sua natureza diabólica, Benedetto não só rouba o comparsa como o denuncia à justiça romana. Note-se que mais três características das tramas folhetinescas aparecem: os sucessivos roubos, o seqüestro da dançarina e a ligação amorosa da jovem pura com um dos bandidos.

Mercedes, o grande amor de Edmundo Dantés no romance de Dumas, aparece na narrativa. Está idosa, doente e na miséria. E a paixão que sentia por ele se transformou em ressentimento. Em determinada ocasião, adverte o filho que o conde é um homem vingativo e que ele deve se proteger.

A vingança

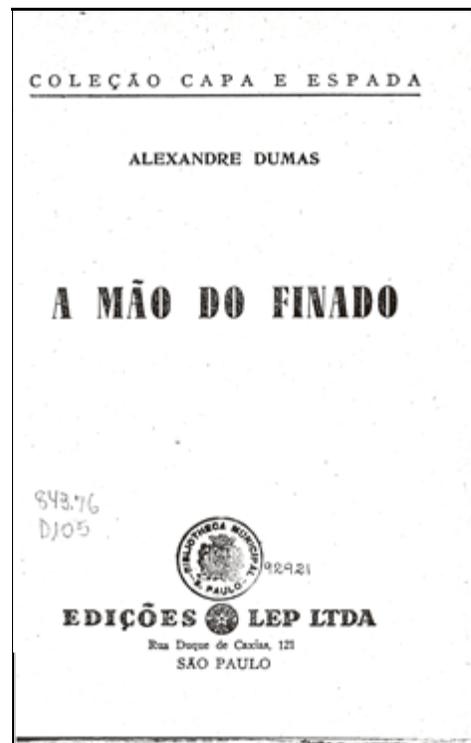
No final da história, acontece um baile de máscaras e um jantar beneficente, promovidos por um anônimo. O conde e sua esposa Haydée são convidados de honra. Mendigos estão presentes e Monte Cristo despoja o filho das ricas vestes para dar exemplo de humildade. A mãe permite que todos ali o beijem. A criança é raptada por Benedetto que, por vingança, a entrega para um casal desconhecido criar. Típico da trama folhetinesca descobre-se mais adiante que a criança foi confiada aos cuidados de Valentina, por quem Monte Cristo tinha muito carinho. Deu-lhe até sua fabulosa ilha de presente.

Percebe-se que, na concepção do bandido, só a perda do filho seria a vingança adequada contra Monte Cristo e, conseqüentemente, perda da família, pois a esposa se suicida com uma dose de veneno. Em vão, o conde implora:

"Dou-lhe minha riqueza, tudo, em troca de meu filho! - Nunca mais o verá. Roubou-o a mão de finado. Um segredo igual ao do sepulcro para agora sobre o seu nascimento. Miserável! Homem ou demônio, não calcula o meu sofrimento, porque não é pai e desconhece o amor paternal. Peça-me o que quiser, dar-lhe-ei pelo resgate de meu filho" (Dumas, 1958e, p. 153).

Permanece a idéia de uma vingança inspirada pela vontade divina, que teria motivado, por razões diferentes, ambos os personagens:

"Tanto eu como você não fomos mais que instrumentos da alta justiça de



Deus. Nossa tarefa está finda e voltaremos ao nada. A família Morel está feliz, assim como as outras famílias, com as quais você repartiu sua felicidade, e você acabará na miséria porque teve o orgulho de se julgar inspirado como um apóstolo. A dívida está paga e a mão de finado vai voltar para o cadáver" (Dumas, 1958 f, p. 158).

***A Mão do Finado* - O final escrito por Alfredo Possolo**

Exagerando na dose de pessimismo comum no final da maioria das escrituras folhetinescas (influência do romance negro), Possolo reserva a morte como destino final das principais personagens da trama. Finda a vingança, Benedetto (também vítima do destino/ abandonado por pai e mãe ainda bebê) volta à França para depositar *A Mão do Finado* no túmulo do pai (o talismã macabro da vingança). E preso e condenado à morte pelo assassinato do carcereiro da prisão de onde fugiu no passado. Antes de ser executado, sua mãe (a baronesa Danglars), que passava na praça naquele momento, reconhece-o e brada: "Fui mãe deste desgraçado" (p. 161). Ela entrara para um colégio de freiras. Mas morre dois dias após ver a cena do cadafalso.

Monte Cristo confessa seus pecados, também volta à França, e entra para um convento "onde repousavam as cinzas de seu pobre pai". Mercedes, seu grande amor, estando enferma, solicita a presença de um padre para lhe dar extrema-unção. O religioso que a atende é o conde, logo reconhecido por ela. Após seu falecimento, o filho Alberto doa a propriedade a Monte Cristo, sem saber sua identidade. Dias depois, um sacerdote é encontrado morto sobre a sepultura de Mercedes. Era Edmundo Dantés.

O que fica também do episódio da autoria de *A Mão do Finado*, descrito por Schmidt, para além das questões da autoria, é que no universo da produção literária de massas, em Portugal, um editor popular confia a um escritor contratado a "matriz impressa"⁵, a partir da qual ele deverá escrever novo romance, com a pretensão de apresentar um final para a famosa trama de *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, cabendo-lhe manter a coerência narrativa.

A escritura de um romance, objetivando concluir o enredo de outro, como é o caso de *A Mão do Finado* em relação a *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, demonstra a vitalidade desse texto na tradição, e sendo assim essa continuidade textual pode ser encarada como um dos possíveis desdobramentos de um *grande texto*, que se adapta infinitamente. Por isso, para além da polémica que envolve a autoria do romance de Alfredo Possolo, o que percebemos é o desdobramento de uma outra história, com as mesmas características folhetinescas daquela que a inspirou, sob pretexto de conclusão de uma história que o escritor Alexandre Dumas teria deixado em aberto.

Bibliografia

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

PIRES FERREIRA, Jerusa. *Cavalaria em Cordel*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. *O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. "Cultura é memória". *Revista USP*, São Paulo, n. 24, p. 114-120, dez. 1994/ fev. 1995.

_____. "A voz de um editor popular". *Revista História*, São Paulo, USP, no. 125-126, p. 105-115, ago-dez/91 a jan-jul/92.

Edições populares de romances-folhetins:

DUMAS, Alexandre. *O Conde de Monte Cristo*. São Paulo: Edições LEP, 1946. (Coleção Capa e Espada). 2 volumes.

_____. *A Mão do Finado*. São Paulo: Brasiliense, 1925.

_____. *A Mão do Finado*. São Paulo: Clube do Livro, 1958.

Notas

*  A autora é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP e pesquisadora do Centro de Estudos da Oralidade do COS/PUC-SP.

¹  Esse gênero surgiu na França em 1836. Trata-se de um tipo de romance publicado em rodapés de jornais (chamados de folhetins), que tem como característica principal o corte da narrativa em momento de grande suspense. Cf. *Folhetim*, de Marlyse Meyer. 2ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

²  In: *A Mão do Finado*, de Alexandre Dumas. São Paulo: Clube do Livro, 1958. Também foi localizada uma edição publicada pela Editora Brasiliense, de São Paulo, em 1925.

³  Autor também das seguintes obras: *Segredos do Coração e o Colono*, *As Brasileiras*; *Mistérios de Lisboa* (1851), *Dois Ângelos ou um Casamento Forçado* (1851), *Marco Túlio ou Os Agentes dos Jesuítas* (1853), *Os Dissipadores* (1858), *A Vida em Lisboa* (1861), *A Máscara Social* (1861), *Nem Tudo que Reluz é Ouro* (1861), *O Dia 1o de Dezembro de 1640* (1862).

⁴  Cf. PIRES FERREIRA, Jerusa. *Livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

⁵  Cf. Jerusa PIRES FERREIRA. *Cavalaria em Cordel*. São Paulo: Hucitec, 1993.

